

**“É só apertar o botão...” – os processos de mediação pelos objetos técnicos e a subjetivação das crianças.**

**COSTA, Bruno Muniz Figueiredo.**<sup>1</sup>

Este material é um recorte do projeto de pesquisa *Crianças, Infâncias e Meio Técnico-Científico-Informacional*, que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – (Niterói - Brasil), dentro do campo Linguagem, Subjetividade e Cultura. Neste texto apresento algumas primeiras observações e notas de campo.

Tenho tentado, em minha trajetória, caminhar na interface entre a Educação e a Geografia. Sobretudo porque considero urgente a necessidade de se tratar nos trabalhos geográficos dos sujeitos que o constroem, e não somente do espaço por si só. Afinal, a condição geográfica do espaço só é alcançada pelas relações humanas estabelecidas com e através dele. Nesta perspectiva, procuro compreender os processos de interação das crianças e os elementos do espaço geográfico a partir de suas relações sócio-espaciais.

O espaço geográfico é considerado como constructo das relações humanas ao longo do tempo, em uma perspectiva dialética, e não-dicotômica. Portanto, considero que não é somente o conjunto formado pelos objetos geográficos, sejam eles naturais ou artificiais. O espaço só é geográfico pela interação com a sociedade, que lhe dá vida. Ou seja, em última instância, ele é a própria sociedade, em constante processo de transformação.

Assumindo como um pressuposto teórico os ensinamentos do professor Milton Santos (1997, p. 25), considero que as interações estabelecidas entre as relações humanas e o espaço geográfico somente são possíveis se mediadas pelas técnicas.

“É por demais sabido que a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada.”

De acordo com o acima proposto, historicamente as técnicas participaram das interações entre sociedade e espaço. No entanto, proponho a discussão destas condições no presente. Ao tratar o espaço geográfico como elemento privilegiado na construção destes sujeitos, considero-o em sua condição de meio técnico-científico-informacional.

E o presente deste espaço pode ser analisado pelo acréscimo de técnicas que sofre. Estes acréscimos ocorrem através de uma série de novos objetos técnicos – fixos – e também

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia. Mestrando em Educação pela Universidade Federal Fluminense – Campo de Confluência: Linguagem, Subjetividade e Cultura. E-mail: bruno-muniz@hotmail.com

das ações estabelecidas entre eles – fluxos –. Assim, o espaço geográfico pode ser considerado como um sistema de objetos e um sistema de ações, que formam um conjunto indissociável e de influência mútua.

As idéias de técnica e sistema são, portanto, inseparáveis. Um conjunto de técnicas é hegemônico por certo período, até que surja um novo. Um novo conjunto de técnicas produz um novo sistema de objetos e de ações. Os antigos objetos são redefinidos e também possibilitam novas ações.

Vivemos dias em que estes objetos técnicos estão cada vez mais presentes em nosso meio, como elementos de nossas interações sociais. Estes instrumentos materiais da vida humana são considerados técnicos, por sua estrutura interna; científicos, por terem como base a pesquisa intelectual; informacionais, por funcionarem a partir de informações e produzirem outras.

Dotados de complexidade estrutural e funcional, estes objetos técnicos trazem consigo algumas características que lhes são peculiares. A começar pela sua condição de rápida e ampla difusão espacial. Esta difusão, no entanto, é seletiva, o que nos permite dizer que nem todos os espaços apresentam os mesmos sistemas técnicos. Assim, podemos dizer que os espaços são dotados de diferentes densidades técnicas, o que os diferencia e impõe aos sujeitos diferentes possibilidades de experiência espacial.

Por outro lado, é possível dizer que os diferentes sistemas técnicos interagem entre si por uma lógica que lhes é comum. Esta lógica, advinda de sistemas técnicos hegemônicos globais, influencia direta ou indiretamente os subsistemas técnicos locais e possibilita a interação de técnicas diferentemente datadas, que trabalham simultaneamente.

Outra característica importante dos sistemas de objetos técnicos é sua condição de efemeridade. Estes objetos têm uma veloz capacidade de sucessão, o que garante a dependência dos lugares que não os detêm ou se perdem em sua obsolescência e o seu controle pelos atores hegemônicos do espaço geográfico.

Cabe ainda ressaltar o caráter invasivo dos objetos técnicos. Chega a ser agressiva e ao mesmo tempo sutil a sua capacidade de se incorporar aos espaços e se naturalizarem ali. Estes elementos fixos em determinado lugar abrem a possibilidade para uma série de ações que transformam este lugar, fluxos que recriam as relações ali existentes. Estes fluxos, portanto, resultam das ações que se cristalizam nos fixos ou se dão através deles.

Da mesma forma que os objetos, as ações também têm a técnica como base. Como esta técnica tem sido carregada de informação, as ações hoje são cada vez mais coordenadas, permitindo uma previsão e um rendimento máximo de sua tarefa. A tecnicização do espaço

permite ações mais instrumentalizadas e eficazes. Estas ações são presididas por uma racionalidade precisa, que busca apenas resultados. E como as técnicas se espacializam a nível global, o mundo do tempo real possibilita ações imediatas globalmente, mas que se manifestam na esfera do lugar. É na esfera do lugar que o global se manifesta.

Conforme Santos (1997, p. 189)

“Os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos. Os objetos técnicos e o espaço maquinizado são *lócus* de ações ‘superiores’ (grifo do autor), graças a sua superposição pela crença de que ao homem atribuem novos poderes – o maior dos quais é a prerrogativa de enfrentar a Natureza natural ou já socializada, vinda do período anterior, com instrumentos que já não são prolongamento do seu corpo, mas que representam prolongamentos do território, verdadeiras próteses”.

O meio técnico-científico-informacional é este meio geográfico em que o mundo se encontra nos dias atuais. Neste momento, os elementos do espaço geográfico encontram-se cada vez mais intercambiáveis e interativos. (SANTOS e SILVEIRA, 2004, p. 52).

Esta é a condição em que o mundo está posto e, obviamente, as crianças estão incluídas nesta situação. Apesar das densidades técnicas apresentarem uma distribuição heterogênea no espaço geográfico, estes objetos e ações influenciam direta ou indiretamente todos os espaços. E a sociedade trava aí suas batalhas diárias, construindo novos espaços enquanto constitui a si mesma.

Como uma instância social, o espaço geográfico interage e interfere em qualquer processo de qualquer categoria social e, dentre elas, as infâncias. Digo “infâncias”, no plural, por considerar a possibilidade de ocorrência de várias formas de infância, como uma representação dos diversos grupos sociais, dentro de sua visão sobre as crianças, que varia temporal e espacialmente, de acordo com diferentes contextos. Daí a necessidade de assumi-la como uma concepção em constante construção e que atende aos interesses de alguns atores sociais. Para Sarmiento (2004, p. 03)

“(…) a construção histórica da infância foi o resultado de um processo complexo de produção de representações sobre as crianças, de estruturação dos seus quotidianos e mundos de vida, e, especialmente, de constituição de organizações sociais para as crianças.”

Por outro lado, não há dúvidas de que a visão da infância como uma construção da modernidade européia, como a defendida por Áries (1986, p.65) ainda é muito presente, sobretudo no mundo ocidental. Sua visão da criança tomada como um bárbaro, que precisa ser

civilizado para ser controlado, tornou-se dominante em muitos trabalhos e pesquisas sobre crianças e infâncias.

Esta condição se aproxima da concepção de infância como território de poder, que é constituído historicamente e também espacialmente, como proposto por Lopes e Vasconcellos (2005, p. 39). Há uma perspectiva ideológica (de poder territorial) a partir do lugar que se fala. É preciso pensar esta infância como algo forjado, normativo.

Sabe-se que diversos campos do conhecimento (Sociologia, Psicologia, Pedagogia, entre outros) vêm há tempos e sob algumas perspectivas, reconhecendo as crianças por sua incompletude, como futuros sujeitos em construção no presente. Porém, outros estudos mais recentes trazem a perspectiva das crianças como seres atuantes, que contribuem na construção de suas próprias realidades e não meros reprodutores do que lhes é imposto pelos adultos.

Compartilhando com estas idéias, acredito que as crianças devem ser encaradas como sujeitos reais, produtores de espaços e de tempos. Sua condição de sujeitos ativos não pode ser negada. Porém, ainda hoje, estas características pouco são reconhecidas pelo mundo adulto. A este respeito, é importante lembrar que

“(…) A modernidade estabeleceu uma norma da infância, em larga medida definida pela negatividade constituinte: a criança não trabalha, não tem acesso directo ao mercado, não se casa, não vota nem é eleita, não toma decisões relevantes, não é punível por crimes (é inimputável). Essa norma assenta num conjunto estruturado de instituições, regras e prescrições que se encarregam da ‘educação’ da criança, especialmente a escola e a família”. (SARMENTO, 2005)

A estas idéias são acrescentadas as de Lopes (2007, p. 7), quando afirma que

“Essa perspectiva de ver a criança e de conceber a infância nega seu papel de sujeito social, nega a existência de suas historicidades e geografidades, nega suas possibilidades de construção, de ação e de diálogo na produção dos espaços e tempos em que se inserem e as colocam na condição de sujeitos passivos e, portanto, passíveis de receberem ações que vêm dos ‘outros’ que compõem seus cotidianos.

A infância, portanto, tem sido percebida muito mais pela sua ausência, pela sua incompletude, do que pela sua presença (…).”

No entanto, elas não respondem a isto passivamente. Em realidade, “(…) através das relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas próprias de representação, interpretação e de ação sobre o mundo” (BORBA, 2006, p. 2). Corsaro *apud* Borba (2006, p. 5) desenvolve a noção teórica de *reprodução interpretativa*. Para o autor, o termo *interpretativa* está relacionado aos aspectos de criação/inovação das crianças na sociedade. Já o termo *reprodução* enfatiza a idéia de que as crianças não apenas internalizam a cultura adulta passivamente, mas constroem suas próprias culturas de infância pela ação frente às forças que lhes são impostas.

Os lugares das crianças são, desta forma, construídos no interstício entre suas culturas de infância e a cultura adulta. Estas idéias são também consideradas por Sarmiento (2006, p. 19), quando afirma que o lugar da criança é, na verdade, um entre-lugar:

"O espaço intersticial entre dois modos – o que é consignado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças.

Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É, por isso, um lugar na História".

Se as crianças são atores sociais e, portanto, produtoras de Geografias e o espaço geográfico na atualidade é tomado como um meio técnico-científico-informacional, não é possível pensar a infância fora desta nova condição espacial. Afinal, este é o mundo dado à estas crianças que, simultaneamente também o constroem pelas interações com seus pares e com o mundo adulto.

Para ilustrar o que até aqui foi discutido, apresento uma nota de campo que revela muito do que tenho discutido a respeito destas reflexões. Esta observação foi realizada em uma tarde de visita ao povoado de Araci (Minas Gerais, Brasil) e expõe exatamente algumas reflexões que buscamos nos estudos de Geografia com as crianças. Em certa medida, toda a construção espacial destes indivíduos vem sendo permeada por um conjunto de objetos técnicos e ações que interferem decisivamente em suas relações e negociações com o mundo. É necessário compreendermos melhor como estes processos se dão.

No pequeno povoado de Araci, estado de Minas Gerais, a única praça pública marca exatamente o centro. Apresenta a seguinte disposição: parte dela é dotada de artefatos destinados às crianças, como gangorras, escorregador e “treta-trepa”<sup>2</sup>. A outra metade possui alguns bancos dispostos à sombra de uma árvore e no entorno de uma pequena construção, uma espécie de “casinha”<sup>3</sup>.

Inicialmente, a praça estava deserta. Porém, era dia de domingo e, após o almoço, as crianças começaram, aos poucos, a deixar suas casas e se encontrar na praça.

Surpreendentemente, elas sequer se aproximaram dos brinquedos destinados a elas. Pelo contrário, sentaram-se todas nos bancos e abriram a porta da “casinha”. Dentro dela havia um aparelho de televisão, que ganhou a atenção de todas durante a tarde, enquanto interagiam entre si.

Para observar as interações das crianças, optei pelo recorte nos objetos técnicos. Em observações preliminares, percebi o contato direto das crianças com estes elementos do espaço bem como a participação dos mesmos como elementos de suas interações.

---

<sup>2</sup> Brinquedo utilizado pelas crianças formado por várias barras de ferro verticais e horizontais ligadas entre si, onde elas utilizam braços e pernas para subir e alcançar as barras mais elevadas.

<sup>3</sup> Alvenaria de proporções reduzidas e dotada de uma pequena porta central.

Estes objetos entram nas interações de diversas formas. Em observações preliminares, pude constatar sua utilização dentro de sua lógica primeira de criação. Mas também são muitos os processos de subversão desta lógica e ressignificação deste objetos pelas crianças. Por isto, estão presentes como brinquedos, como objetos que possibilitam o imaginário infantil e na negociação da entrada em brincadeiras. Todas estas ações fazem parte de um movimento de construção cultural das crianças.

Assim, principal foco da pesquisa se dá pelas mediações. Afinal, os objetos técnicos dispostos nos espaços das crianças bem como suas ações fazem a mediação destas crianças com seus pares, com os adultos e com o mundo. E as crianças, em meio a estes embates, vão construindo suas subjetividades ora se aproximando, ora se afastando das possibilidades abertas pelo meio técnico-científico-informacional.

A afirmação acima proposta me remete uma observação de campo, de ordem etnográfica, que realizei em uma escola de educação infantil, com crianças de 4 a 6 anos de idade.<sup>4</sup>

Uma outra criança que se aproximou de mim (P) para conversar foi Júlia (J):  
(J) Meu pai tem boi, vaca e bezerro. Ele tira leite pra mim. Mas eu só bebo com Nescau.  
(J) Minha mãe vai comprar uma máquina digital e eu vou poder fotografar o boi.  
(P) E você sabe usar a máquina digital?  
(J) Sei. É só apertar o botão.

Desta forma, encaro a dinâmica dos lugares das crianças pela lógica do meio técnico-científico-informacional. Estes lugares, que são espaços apropriados e significados pelas crianças e seus pares, também sofrem as manifestações da totalidade-mundo.

A pesquisa em Ciências Humanas vem relegando ao espaço um papel secundário na reflexão sobre as relações humanas. Ao ser reconhecido como um *palco* da ação humana, o espaço tem sua importância reduzida frente à valorização do tempo. No entanto, acredito que pensar o espaço geográfico seja, em última instância, pensar sobre a própria condição social dos seres humanos. Daí a necessidade de trazer para a discussão a relação dialética entre sociedade e espaço.

O trabalho com crianças é também um tributo a sujeitos que tiveram sua condição social ativa negada pelo mundo adulto. Como agentes que vivem e constroem suas geografias, nossas crianças têm muito a dizer sobre o espaço geográfico. Basta que existam pessoas que queiram e saibam ouvi-las.

---

<sup>4</sup> Observação realizada no município de São João Nepomuceno (Minas Gerais, Brasil) para o desenvolvimento da pesquisa em questão.

É urgente que a Geografia dê maior ênfase a seus agentes espaciais. Ao pesquisar a dinâmica espacial das crianças sob uma perspectiva etnográfica, este trabalho acaba por prestar importante serviço à esta ciência. Afinal, trabalha o espaço pela ótica de seus sujeitos, que, aqui, são as crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BORBA, Ângela Meyer. **As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos**. Disponível em [www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2229--Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-2229--Int.pdf). Acesso em 06/04/2008.

LOPES, Jader Janer Moreira, VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância: uma área de pesquisa**. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. **“Uma estrada dentro da estrada”**: As crianças na paisagem brasileira. **Estudos de Geografia da Infância**. NUMPEC/UFF, 2007.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 2ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARMENTO, Manuel J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. 2004. Disponível na Internet: [http://cedic.iec.uminho.pt/Textos\\_de\\_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/encruzilhadas.pdf). Acesso em 23 de janeiro de 2009.

SARMENTO, Manuel J. DELGADO, Ana Cristina Coll, MULLER, Fernanda. **Sociologia da infância: pesquisas com crianças**. In: Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação. Centro de Estudos Educação e Sociedade – Vol 26. n. 91 – São Paulo – Cortez; Campinas, Maio/Agosto de 2005.